



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ - UNIFAP**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO - PROGRAD**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**LEUCI BORGES CORREIA**  
**ROSIVALDO GAMA DA CONCEIÇÃO**

**UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DA**  
**PERSPECTIVA DOCENTE E PEDAGÓGICA DA ESCOLA ESTADUAL**  
**FAGUNDES VARELA NO MUNICÍPIO DE MAZAGÃO/AP**

**MAZAGÃO-AP**

**2021**

**LEUCI BORGES CORREIA  
ROSIVALDO GAMA DA CONCEIÇÃO**

**UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DA  
PERSPECTIVA DOCENTE E PEDAGÓGICA DA ESCOLA ESTADUAL  
FAGUNDES VARELA NO MUNICÍPIO DE MAZAGÃO/AP**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias e Biologia, da Universidade Federal do Amapá, *Campus* Mazagão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado.

**Orientadora:**

Prof<sup>a</sup>. Ms. SANTANA DE JESUS MIRANDA MELO

**Coorientador:**

Prof. Dr. JANIVAN FERNANDES SUASSUNA

**MAZAGÃO-AP**

**2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca do Campus de Mazagão da Universidade Federal do Amapá  
Elaborada por Raildo de Sousa Machado, CRB2/1501

---

- C824a Correia, Leuci Borges  
Uma análise da educação sexual a partir da perspectiva docente e pedagógica da Escola Estadual Fagundes Varela no Município de Mazagão/AP / Leuci Borges Correia, Rosivaldo Gama da Conceição. – 2021.  
1 recurso eletrônico. 58 folhas : ilustradas (coloridas).
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo – Ciências Agrárias e Biologia) – Campus de Mazagão, Universidade Federal do Amapá, Mazagão, 2021.  
Orientadora: Professora Mestra Santana de Jesus Miranda Melo.  
Coorientador: Professor Doutor Janivan Fernandes Suassuna.
- Modo de acesso: World Wide Web.  
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).
- Inclui referências, anexos e apêndices.
1. Educação sexual. 2. Mazagão – Amapá – Brasil. I. Conceição, Rosivaldo Gama da. II. Melo, Santana de Jesus Miranda, orientadora. III. Suassuna, Janivan Fernandes, coorientador. IV. Título.

---

Classificação Decimal de Dewey, 22. edição, 372.372

CORREIA, Leuci Borges; CONCEIÇÃO, Rosivaldo Gama da. **Uma análise da educação sexual a partir da perspectiva docente e pedagógica da Escola Estadual Fagundes Varela no Município de Mazagão/AP.** Orientadora: Santana de Jesus Miranda Melo. Coorientador: Janivan Fernandes Suassuna. 2021. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Educação do Campo Ciências Agrárias e Biologia) – Campus de Mazagão, Universidade Federal do Amapá, Mazagão, 2021.

**LEUCI BORGES CORREIA  
ROSIVALDO GAMA DA CONCEIÇÃO**

**UMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO SEXUAL A PARTIR DA  
PERSPECTIVA DOCENTE E PEDAGÓGICA DA ESCOLA ESTADUAL  
FAGUNDES VARELA MAZAGÃO/AP**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Ciências Agrárias e Biologia, da Universidade Federal do Amapá, *Campus* Mazagão, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado.

Aprovada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Prof. Ms Marlo dos Reis

**Examinador**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAPÁ-UNIFAP

---

Prof. Ms Daniel Sousa dos Santos

**Examinador**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
AMAPÁ-UNIFAP

---

Prof<sup>a</sup>. Ms. **Santana de Jesus Miranda Melo**

**Orientadora**

**MAZAGÃO-AP**

**2021**

Aos nossos familiares, pelos esforços  
direcionados à nossa educação e pelo  
apoio durante à caminhada acadêmica.

**Dedicamos**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que ao longo dessa jornada esteve ao nosso lado, nos dando força para prosseguir e ânimo para que não desistíssemos de conquistar os nossos sonhos.

Aos familiares da Leuci Borges Correia: aos meus pais Domingos Rodrigues Correia e Raimunda dos Santos Borges Correia e Irmãos e Irmãs; aos meus filhos Kleucivan Correia Mira, Kleudiney Correia Mira, Lourena da Silva Pereira e Leonan da Silva Pereira, ex-esposo Lucivaldo Sobral Pereira e a meu esposo Beto de Jesus Espíndola que foram a base e alicerce dessa caminhada que com suas palavras de forças, incentivos e seus exemplos de superação me inspiraram a buscar o melhor para mim e para eles.

Aos familiares de Rosivaldo Gama da Conceição: a minha mãe Durvalina Gama da Conceição: aos meus filhos Jaqueline Cruz da Conceição, Rosivan Cruz da Conceição e Amanda Cruz da Conceição.

A nossa orientadora Prof. Esp. Me. Santana de Jesus Miranda Melo pelo seu empenho e dedicação na construção do TCC.

Ao nosso coorientador Prof. Dr. Janivan Fernandes Suassuna, que me ajudou nessa árdua jornada.

Aos nossos amigos (a)s que sempre nos apoiaram e inspiravam para prosseguir diariamente nos momentos bons e momentos difíceis Lucicarmem Rosa da Silva, Maria Venina P. Cardoso P, Maria de Nazaré Fonseca.

Aos nossos professores, que contribuíram desde a educação básica até a graduação, na nossa formação pessoal, acadêmica e profissional, a todos nossa admiração, gratidão e reconhecimento.

Aos professores, Me. Marlo dos Reis e Daniel Sousa dos Santos, membros da Banca Examinadora, por terem atendido ao convite para contribuir com esse estudo, dispondo de tempo e conhecimento à análise deste trabalho.

Agradecer a nós mesmos parceiros, colegas deste estudo, Leuci Borges Correia e Rosivaldo Gama da Conceição, que juntos compartilhamos idéias, debates que foram indispensáveis na execução deste trabalho, e muitas vezes desafiados pelos percursos da vida, mas nenhum momento desistimos do nosso objetivo.

A todos que contribuíram para esta conquista de forma direta ou indiretamente o nosso MUITO OBRIGADO!

“Educação não transforma o mundo, educação muda as pessoas, pessoas mudam o mundo”.

**Paulo Freire**

## RESUMO

Este trabalho embasou-se fazer uma Análise da Educação Sexual a partir da Perspectiva Docente e Pedagógica da Escola Estadual Fagundes Varela Mazagão/Ap. A educação sexual (ES) é toda educação recebida pelo o indivíduo desde o nascimento, deve ser inicialmente feita pela famílias, posteriormente no ambiente escolar. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi analisar a partir da visão dos docentes a importância do papel da escola frente a Educação Sexual, e os desafios enfrentados pelo ensino-aprendizagem. A pesquisa é de cunho quanti-qualitativo, e utilizou a questionários como método de coleta de dados, foram treze profissionais que Participaram, na atuam na escola, destaca-se, que os participantes foram esclarecidos sobre o estudo da utilização das informações, por meio do termo de consentimento livre e esclarecido. Com forme os resultados analisados a educação sexual não é abordam no currículo da escola, professores não estão preparados para abordar a temática, não são capacitados ou tem uma formação continuada ressaltam e falta material didático adequado para ministrarem as aulas com temas transversais, falta de políticas públicas e integradoras para família e escola. E necessário pensar em políticas que garantam a autonomia e voz ativa para comunidade interna e externa expressar as suas opinião sobre a temática, implementar ações promover projetos de intervenção na escola com a finalidade fortalecer e ampliar a discussão com o sujeitos.

**Palavras-chave:** Educação Sexual. Sexualidade. Desafios docentes.

## **ABSTRACT**

This work was based on making an Analysis of Sexual Education from the Teaching and Pedagogical Perspective of the State School Fagundes Varela Mazagão/Ap. Sexual education (ES) is all education received by the individual from birth, it must be initially carried out by the families, later in the school environment. In this sense, the objective of this work was to analyze, from the viewpoint of the teachers, the importance of the role of the school in relation to Sexual Education, and the challenges faced by teaching learning. The research is quanti-qualitative, and used questionnaires as a method of data collection. Thirteen professionals participated, working at the school; it is noteworthy that the participants were informed about the study of the use of information, through of the informed consent form. With the results analyzed, sexual education is not addressed in the school curriculum, teachers are not prepared to address the theme, are not trained or have a continuing education, they emphasize and lack adequate teaching material to teach classes with crosscutting themes, lack of public and integrative policies for family and school. It is necessary to think about policies that guarantee autonomy and active voice for the internal and external community to express their opinions on the subject, implement actions to promote projects of intention in the school with the purpose of strengthening and broadening the discussion with the subjects.

**Keywords:** Education Sex. Sexuality. Teaching challenges.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 -</b> Percurso Metodológico Empregado na Pesquisa.....	30
--	----

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b>	– Questões dos dados pessoais coordenadores.....	<b>Questão 01 a 05</b>	<b>31</b>
<b>Quadro 2</b>	– Perguntas e respostas da coordenação pedagógica....	<b>Questão 06</b>	<b>32</b>
<b>Quadro 3</b>	– Perguntas e respostas da coordenação pedagógica.....	<b>Questão 07</b>	<b>32</b>
<b>Quadro 4</b>	– Perguntas e respostas da coordenação pedagógica....	<b>Questão 08</b>	<b>33</b>
<b>Quadro 5</b>	– Perguntas e respostas da coordenação pedagógica....	<b>Questão 09</b>	<b>34</b>
<b>Quadro 6</b>	– Perguntas e respostas da coordenação pedagógica....	<b>Questão 10</b>	<b>35</b>
<b>Quadro 7</b>	– Questões dos dados pessoais dos docentes.....	<b>Questão 01 a 05</b>	<b>36</b>
<b>Quadro 8</b>	– Perguntas e respostas dos docente.....	<b>Questão 06</b>	<b>38</b>
<b>Quadro 9</b>	– Perguntas e respostas dos docentes.....	<b>Questão 07</b>	<b>39</b>
<b>Quadro 10</b>	– Perguntas e respostas dos docentes .....	<b>Questão 08</b>	<b>41</b>
<b>Quadro 11</b>	– Perguntas e respostas dos docentes.....	<b>Questão 09</b>	<b>43</b>
<b>Quadro 12</b>	– Perguntas e respostas dos docentes .....	<b>Questão 10</b>	<b>44</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

BNCC Base Nacional Curricular Comum

ECOS Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana

ES Educação Sexual

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IST's Infecções Sexualmente Transmissíveis

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC Ministério da Educação e Cultura

OMS Organização Mundial da Saúde

PCNs Parâmetros Curriculares Nacionais

PSE Programa de Saúde na Escola

SEED Secretaria Estadual da Educação

UNESCO Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a  
Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2. CONCEPÇÃO E APROFUNDAMENTO TEÓRICO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL.....</b>	<b>16</b>
2.1 Concepção de Educação Sexual.....	16
2.2 Incursão Histórica .....	21
2.3 Políticas Públicas .....	21
2.4. O Papel da Escola .....	23
2.5 Família e Educação: Superando Tabus .....	24
2.6 Formação Docentes.....	26
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
3.1 Área de Estudo.....	29
3.2 Tipo de Pesquisa.....	29
3.3 Coleta dos Dados.....	29
3.4 Análise, Sitematização e Instrumentos técnicos.....	30
3.5 Aspectos Legais e Éticos.....	30
<b>4 ANÁLISE, DISCUSSÃO E RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO: EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA .....</b>	<b>31</b>
4.1 O Olhar do Corpo Pedagógico e Administrativo acerca da Educação Sexual.....	31
4.2 Os Docentes e suas Ações Frente o Ensino envolvendo a Educação Sexual	36
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>46</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>47</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>55</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A educação sexual (ES) é toda educação recebida pelo o indivíduo desde o nascimento, relacionado à aquisição de concepções, valores e normas sexuais, essa educação deve ser inicialmente pela famílias, posteriormente na comunidade principalmente na escola, visando seu grupo social e religioso, essa educação sexual deve ser contínua, indiscriminada decorrente dos processos culturais (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 155).

No Brasil, a inclusão da educação sexual no ambiente escolar iniciou-se a partir de um deslocamento no campo discursivo a respeito da sexualidade de crianças e adolescentes (AITMANN, 2001).

O início da educação sexual no ambiente escolar se deu a partir da década de 1980, mais foi só no ano de 1996 que essa educação ganhou maior visibilidade a partir dos Parâmetros Curriculares Nacional (PCN), elencado como tema transversal “Orientação Sexual” (BARBOSA, 2019).

Assim Moreira; Folmer (2015), enfatizam que a educação sexual é necessária na escola, porém, reconhecem que trabalhar com a educação sexual não tem sido tarefa fácil para os educadores. As dificuldades perpassam desde a falta de preparo pelos profissionais da educação, e o tema ser considerado tabu.

Segundo Figueiró (2010), a educação sexual, é sumamente importante é necessário nos voltarmos, primeiramente, para nós mesmos, por meio da autorreflexão, porque a sexualidade faz parte do que somos, impregna toda nossa vivência e está na base dos nossos relacionamentos, pensamentos e sentimentos.

Nesse sentido, o objetivo desse trabalho foi analisar a partir da visão dos docentes a importância do papel da escola frente a Educação Sexual, e os desafios enfrentados pelo ensino-aprendizagem.

A presente pesquisa contém um referencial teórico, onde no tópico será abordado a Concepção da Educação Sexual que é toda educação recebida pelo indivíduo desde o nascimento, relacionado à aquisição de concepções, valores e normas sexuais, essa educação deve ser iniciada pela família, posteriormente na comunidade, principalmente na escola, visando seu grupo social e religioso, essa educação sexual deve ser contínua, indiscriminada decorrente dos processos culturais (RIBEIRO; BEDIN, 2013, p. 155).

O terceiro tópico está voltado para uma Breve Incursão Histórica As primeiras preocupações explícitas em relação à educação do sexo de crianças e jovens no Brasil tiveram lugar nos anos vinte e trinta do século XX (CÉSAR, 2009).

O tópico quarto aborda as Políticas Públicas que assegurar a Educação Sexual nas escolas, conforme a Lei nº 60/2009, que inclui a educação sexual no currículo do ensino básico e do ensino secundário em todo o território nacional.

O Tópico quinto da pesquisa foi sobre o Papel da Escola para a Educação Sexual, onde a escola deve nortear o seu trabalho, seguido a visão ampliada da saúde defendida pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que se encontra nas orientações dos PCN's, quando afirma que os alunos precisam compreender a saúde como sendo um estado completo de bem-estar físico, mental e social, e não consistindo somente da ausência de uma doença ou enfermidade (COSTA, 2003).

O tópico sexto caracteriza a metodologia da pesquisa, onde foi realizada o público alvo, a localizada e o quantitativo de participantes. O tópico sétimo aborda a Análise, Discussão e Resultados da Pesquisa de Campo, que mostram os resultados obtidos no estudo, que forma alocados em quadros onde foram discutidos e fundamentados.

Por fim, as Considerações finais apontam os pontos positivos, negativos da pesquisa, apresebados nas considerações finais alguns desafios que precisam ser superados no campo escolar frente a Educação Sexual.

## 2. CONCEPÇÃO E APROFUNDAMENTO TEÓRICO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

### 2.1 CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO SEXUAL

A Educação Sexual é, antes de tudo, uma prática ou ação de transmissão de conhecimentos, representações, valores e práticas, ou seja, é essencialmente uma forma de Educação (BONFIM, 2009)

Figueira (2020), afirma que a Educação Sexual é toda ação ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana e essa aprendizagem não envolve apenas conhecimentos relacionados a vida sexual, mas também sentimentos, emoções, valores e normas.

Educação é um processo ao qual todos somos submetidos. Caracteriza-se por ser um processo ininterrupto através do qual vamos formando nossa opinião, desfazendo-nos de coisas que nos parecem superadas e transformando nossos pensamentos. Quanto à orientação, ela tem um caráter formal, sistematizado e temporário. Várias instituições estão ligadas ao processo de educação sexual, tais como: a família, a escola, a igreja, a mídia e o grupo social com os quais os jovens interagem direta e indiretamente (DUBEUX, 1998).

Segundo Carvalho (2020), a educação sexual realizada em escolas nem sempre foi denominada assim. Na década de 90 ela era chamada de Orientação Sexual, não havendo concordância de todos os autores pelo termo (o que é possível perceber pelos trabalhos na temática). Em 2010, nos documentos da UNESCO, foi cunhado o termo “Educação para a Sexualidade” que também não foi adotado como um termo padrão para a prática educacional interventiva em questões da sexualidade no contexto escolar, ficando então os três termos presentes na literatura (MAIA, 2011).

Furlani (2009), a expressão educação sexual não foi, apenas, substituída por Orientação Sexual por muitos educadores e educadoras, mas tornada oficial e institucionalizada com o lançamento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), do Ministério da Educação, no ano de 1997.

O termo educação sexual é ainda hoje objeto de múltiplos entendimentos ao nível do seu significado, dos seus conteúdos, da sua eficácia e consequências. Fala-se em educação sexual e informação sexual; em educação sexualidade, fala-se ainda em educação sexual e educação afetivo-sexual. Ora se encara a educação sexual como um processo marginal à construção da identidade sexual, ora se aponta aquela atividade como elemento essencial na reforma dos costumes (RODRIGUES, 2016).

Para Dubeux (1998) a questão da educação sexual se insere confortavelmente em qualquer estudo sobre o período da adolescência. Ela faz distinção entre educação sexual e orientação sexual, dizendo que costumeiramente ambos os termos são usados na linguagem corrente, mas podem ser diferenciados entre si.

Para Dias (2015), Educação Sexual é um tratamento pedagógico sobre as questões da sexualidade, que envolvem a dimensão da ética sexual, do afeto e do desejo. No Brasil a educação sexual é um tema de debates no meio educacional desde as primeiras décadas do século XX, reivindicação feminista de um lado e pela política higienista de outro, esta principalmente buscando um gerenciamento da natalidade (QUARTIEIRO, 2009).

De acordo com dados Unesco (2013), A educação em sexualidade pode ser entendida como toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo de seu ciclo vital, que lhe permita posicionar-se na esfera social da sexualidade.

Segundo Gonçalves, (2013), dados Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana (ECOS, 2013), a educação sexual deve ser entendida como um direito que as crianças e adolescentes têm de conhecer seu corpo e ter uma visão positiva da sua sexualidade; de manter uma comunicação clara em suas relações; de ter pensamento crítico; de compreender seu próprio comportamento e o do outro.

A educação sexual, por sua vez, consiste no direito de toda pessoa de receber as informações sobre o corpo, a sexualidade e o relacionamento sexual, assim como, de expressar sentimentos, rever tabus, refletir e debater valores sobre tudo que está ligado ao sexo (NOGUEIRA et al 2016).

A educação sexual voltada para os interesses comuns pode contribuir para a desalienação do trabalho e para superação das perspectivas da satisfação das necessidades individuais na medida e que orienta para uma perspectiva dos interesses comuns (BORGES, 2019)

Estima-se que, no Brasil, um milhão de adolescentes dão à luz a cada ano, o que corresponde a 20% do total de nascidos vivos. As estatísticas também comprovam que, a cada década, cresce o número de partos de meninas cada vez mais jovens em todo o mundo. Essas adolescentes têm sido consideradas cientificamente como um grupo de risco para a ocorrência de problemas de saúde as mesmas e em seus conceitos, uma vez que a gravidez precoce pode prejudicar seu físico ainda imaturo e seu crescimento normal (SILVA; TONETE 2006).

## 2.2 INCURSÃO HISTÓRICA

As primeiras preocupações explícitas em relação à educação do sexo de crianças e jovens no Brasil tiveram lugar nos anos vinte e trinta do século XX. Nesse momento a educação sexual já era uma preocupação para médicos, intelectuais, professores e professoras que então povoavam o universo educacional brasileiro (CÉSAR, 2009).

Para Flora, et al (2013), a educação sexual encontra-se em constante discussão desde o século XX. Os valores éticos, morais e sociais da sociedade portuguesa têm vindo a demarcar-se do conservadorismo e de preconceitos assumidos durante décadas, muito influenciados pelas correntes religiosas conservadoras e por modelos reprodutivos.

Para Aquino (2012), nos anos 20 e 30 do século XX a educação sexual fomenta discussões entre médicos, professores e entre outros profissionais. Nesse período a abordagem predominante caracterizava-se por traços higienistas e eugenistas junto às crianças, adolescentes e jovens, com o intuito de combater as doenças venéreas e preparar os sujeitos para um futuro mais saudável e responsável

Altimann corabora (2001), afirmando que a inserção da educação sexual nas escolas do Brasil ocorreu a partir dos anos 20 e 30, quando os problemas de “desvios sexuais” deixam de ser considerados como crime e se tornam a ser pautados como doenças, com isso a escola passa a ser considerada um espaço de intervenção preventiva com o objetivo de cuidar da sexualidade de crianças e adolescentes.

Desde o ano de 1984 estudiosos vem se dedicando a relatar e sistematizar as intervenções, publicações e eventos voltados para o encontro entre a sexualidade e a educação durante diferentes momentos históricos, e a primeira tentativa de incluir a educação sexual no currículo escolar ocorreu em 1930, no Colégio Batista do Rio de Janeiro (BUENO; RIBEIRO, 2018).

Com isso a sexualidade vêm sendo discutidas na educação básica (ensino fundamental e média) desde a década de 20 e a inclusão nos currículos de 1º e 2º graus só ganhou força a partir da década de 70 com a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira que regularizou a inclusão de programas de saúde e conteúdos voltados para a sexualidade no currículo escolar o que até então não eram oficialmente reconhecido e até mesmo permitido na escolas (RUFINO, 2013).

Nos anos de 1960 e 1970 algumas escolas conseguiram introduzir nos seus currículos a educação sexual, mas foi a partir dos anos 1980 que esse movimento ganhou força, impulsionado principalmente pela abertura política que o país vivenciaram (PANTOJA, 2013).

Com isso Romero (2010), destaca que no Brasil discursos sobre a sexualidade no ambiente escolar são recentes e foram poucos trabalhos desenvolvidos de forma isoladas no final da década de 70 que buscava conhecimentos básicos acerca da sexualidade.

No início da década de 1960, influenciadas pelos movimentos sociais, algumas escolas do Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte introduziram a educação sexual em seus currículos (SFAIR et al, 2015)

Partindo desses estudos Romero (2010), afirma que apenas a partir da década de 1980 houve um aumento da abordagem de temas relacionados a sexualidade, nos meios de comunicação social como rádio e televisão e isso se deu por conta do aumento da proliferação das infecções sexualmente transmissíveis (IST's) principalmente da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS).

Desde 1995 o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação têm, conjuntamente, reunido esforços para que os temas em saúde sexual e saúde reprodutiva sejam trabalhados nas escolas (BRASIL,2006).

Os primeiros trabalhos escolares relacionados a educação sexual foram voltados para os princípios básicos biológicos e como eram coisas básicas as aulas de ciências davam conta do que na época era considerado educação sexual, mas atualmente compreendemos a importância do entendimento biológico, sabemos que ele é insuficiente para a compreensão do indivíduo (RIBEIRO; REIS 2007).

Já Estalagem (2018), a educação sexual é definida pela UNESCO como a aprendizagem sobre as relações interpessoais e de sexualidade, através de informação cientificamente correta, objetiva, realista, adequada à idade e ao meio cultural. A Organização Mundial da Saúde (OMS) defende a importância da criação de cursos de educação sexual nas escolas para estudantes a partir dos 12 anos, para os familiarizar com o uso de contraceptivos (CABRAL, 2014).

Para Sousa (2019), a história da Educação Sexual no Brasil está vinculada à história da própria educação brasileira e como tal está marcada por lutas ideológicas, interesses e tentativas de formar um currículo escolar que dê conta de sistematizar o ideal de cidadão e cidadã que atenda às demandas de cada contexto histórico.

Carvalho, et al (2019), diz que a educação sexual é o processo humano pelo qual as pessoas compartilham conhecimentos relacionados ao sexo e a sexualidade: ao afeto, ao prazer, ao sentimento, ao autoconhecimento e aos valores construídos sócio historicamente.

Com isso Godoy, (2018) afirma que a educação sexual é um assunto que deve ser mais valorizado, pois é importante que todas as pessoas possuam conhecimentos acerca da sexualidade voltadas para as questões biológicas e fisiológicas, históricas e políticas, relacionamentos sociais e culturais, questões mentais e psicológicas, e todos esses aspectos devem trabalhados em salas de aula.

## 2.3 POLÍTICAS PÚBLICAS

A contextualização da sexualidade no ambiente educacional iniciou no ano de 1996, por meio da Lei nº 9.394, onde o Ministério da Educação e Cultura (MEC) começou a estimular a orientação sexual como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN'S) do ensino fundamental ao médio (TOURINHO, et al, 2020).

Segundo Dinis e Luz (2007), o PCNs têm como principal objetivo abordar temas relacionados a educação sexual e logo após a sua criação os PCNs se tornaram uma grande conquista, já que os primeiros programas de educação sexual abordavam o temas biológicos como aulas sobre anatomia e fisiologia dos sistemas reprodutores, prevenção de gravidez precoce e doenças sexualmente transmissíveis que são temas importantes para que as crianças e adolescentes tenham uma vida sexual saudável

O PCNs propõe que se trabalhe a sexualidade nas escolas de forma transversal, isso significa trabalhar a sexualidade inserindo-a dentro das várias áreas do conhecimento. Assim ela pode ser ensinada nas aulas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Artes, Educação Física e Língua Estrangeira (FIGUEIRÓ, 2006). Para que essa transversalidade dê certo a sexualidade deve ser abordada a partir de três principais eixos: o corpo como matriz da sexualidade, relações de gênero e prevenção as doenças sexualmente transmissíveis (DINIS e LUZ, 2007).

Embora atualmente não exista uma legislação específica que regule a realização de Educação Sexual nas escolas, existem documentos oficiais que legitimam sua prática; no Brasil, dois documentos legais são importantes para embasar a defesa da Educação Sexual nas escolas: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e o Programa de Saúde na Escola (PSE) (Gesser et al, 2012). Para Rossi (2008), os PCNs também podem ser considerados um avanço quando sugerem temas relacionados a orientação sexual para serem trabalhados na Escola.

Segundo Dias (2015), os Parâmetros Curriculares Nacionais de Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, 1995, v. 10 apresenta que a Educação Sexual incluída transversalmente e de maneira interdisciplinar oportunizará a aprendizagem à qualquer momento, não especificamente nos conteúdos de ciências

A inserção da educação em sexualidade – sobretudo na perspectiva dos direitos como tema importante nas políticas educacionais no Brasil veio na esteira de

um conjunto de mudanças sociais impulsionadas pela instalação do processo democrático, principalmente a partir da década de 1980, sendo a Constituição Federal de 1988 o grande marco que lançou as bases para a configuração de uma noção mais inclusiva e ampliada de cidadania no país (BRASIL, 2013)

Segundo Maria e Ribeiro (2011), no Brasil, a educação sexual na escola já faz parte de pelo menos um documento nacional desde 1996: os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que se configuram por um conjunto de propostas educativas, publicadas pelo Ministério da Educação e do Desporto em 1997, que visam trabalhar temas sociais de modo transversal nas disciplinas curriculares diversas.

A educação sexual emancipatória também é denominada combativa ou política, pois está comprometida com a transformação social. Ela deve ser definida, sobretudo, como uma forma de engajamento pessoal nos esforços coletivos pela transformação de padrões de relacionamento sexual e social (ARAÚJO, 2012)

Para Maciel (2015), há necessidade de se estudar a sexualidade no âmbito cultural, histórico e social, como um conteúdo que contribui para a promoção da saúde e cidadania, abordando assuntos que buscam promover a formação integral e o bem estar de jovens seguros, reflexivos, conhecedores de direitos e capazes de fazer escolhas em relação à sua sexualidade e sua vida contribuindo para uma sociedade melhor.

De acordo com Pereira (2015), A Educação Sexual foi integrada por lei na Educação para a Saúde precisamente por obedecer ao mesmo conceito de abordagem com vista à promoção de saúde física, psicológica e social (Portaria nº 196-A/2010 de 9 de abril do Ministério da Saúde e da Educação, 2010)

Segundo Sousa (2016), os caminhos percorridos até aqui nos permitiram reflexões sobre a história e os conceitos que permeiam a sexualidade e o campo da educação sexual, as leis e as diretrizes que orientam como deve ser essa educação e a forma como o professor deverá atuar em sala sobre esse assunto.

## 2.4 O PAPEL DA ESCOLA

Barbosa e Folmer (2019), afirma a importância da formação continuada para os profissionais da educação voltada para a sexualidade e educação sexual com o objetivo de contribuir para a formação de cidadãos livres de preconceito enfatizando o respeito tanto para si mesmo quanto para o próximo.

Para Madergan et al (2001), a sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes, ela (a escola) intervém de várias formas, embora nem sempre tenha consciência disso e nem sempre acolha as questões dos adolescentes. Sabe-se que as curiosidades a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade, na medida em que se relacionam com o conhecimento da origem de cada um e com o desejo de saber.

A Educação Sexual de crianças e de jovens sempre existiu, mas se fez mais pela omissão e repressão do que por intermédio de uma educação dialogal, humanista e libertária (SILVA: NETO, 2006).

É fundamental que a sexualidade seja discutida o mais precoce possível, pois é um assunto que normalmente gera muita polêmica e ideias contraditórias, entretanto, discuti-la permite, desde cedo, que crianças e adolescentes cultivem hábitos saudáveis, esclareçam dúvidas e falem de questões pertinentes à sua própria saúde (ALMEIDA, 2008).

Segundo Godoy (2018), quando as crianças e adolescentes chegam na escola ela já traz de sua casa uma bagagem e uma carga de valores que foram transmitidos desde os primeiros anos de vida e dentre esses valores podemos citar a sexualidade, com isso é importante que as famílias como sendo grupo social primária já trabalhem a sexualidade e a escola juntamente com a saúde complementem essa educação.

Em pleno século XXI, a era da modernidade, de grandes mudanças de valores morais e de comportamentos, a gravidez precoce ainda é um assunto pouco discutido nas escolas e nas famílias brasileiras, no entanto, a vida sexual está começando cada vez mais cedo e com o passar dos anos esta iniciação torna-se cada vez mais precoce, (RODRIGUES, et al., 2019).

Abordar a temática da sexualidade não é uma tarefa fácil, pois em muitos casos, a família simplesmente se silencia sobre o tema por medo ou por não terem as informações necessárias, como se isso fosse estimular excessivamente a

sexualidade, fazendo com que as dúvidas referente ao tema sejam trabalhada na escola (HENRIQUE, 2016).

Os temas transversais propostos pelo MEC apresentam-se como mais uma tentativa de articulação entre as diferentes disciplinas que compõem o currículo, tendo por justificativa a incapacidade dessas mesmas disciplinas de dar conta da realidade social (MACEDO, 1999).

## 2.5 FAMÍLIA E EDUCAÇÃO SEXUAL: SUPERANDO TABUS

A educação sexual como um conhecimento acerca da sexualidade, leva as pessoas a modificar atitudes, não há dúvida de que os primeiros educadores sexuais são os próprios pais, porque a eles compete a maior responsabilidade na formação dos seus filhos (JANEIRO, 2008)

A sexualidade e a educação sexual são temas cercados de tabus, valores culturais e morais, por isso, para muitas pessoas principalmente para as famílias e profissionais de educação é difícil a abordagem do tema (BARBOSA e FOLMER, 2019).

Janeiro (2008), o diálogo entre a família e a escola é fundamental para o desenvolvimento da sexualidade nos adolescentes, à família cabe um relacionamento mais íntimo e profundo, à escola caberá um relacionamento mais planejado e sistemático. Ainda de acordo com o autor citado, é necessário compreender o que os adolescentes pensam, sabem e querem quanto à sua saúde sexual, numa perspectiva de formulação de estratégias que promovam a saúde e o bem-estar, entendido como condição básica de desenvolvimento, e neste sentido que se evidencia a importância da educação sexual.

Segundo Monteiro; Storto (2019), a sexualidade está ligada ao desenvolvimento da criança e do adolescente, proporcionando-lhe sentimentos, emoções, sensações de prazer e desprazer, como também as transformações que ocorrem através do tempo como as mudanças no corpo do indivíduo.

De acordo com Reis; Maia (2007), A grande maioria dos jovens no Brasil ainda mantém comportamentos de risco. A educação sexual recebida por grande parte da população não só é precária para formar jovens que tenham comportamentos preventivos e hábitos saudáveis em relação ao próprio corpo como também não garante espaço para reflexão e formação de atitudes sobre sua sexualidade.

A sexualidade humana, ainda hoje é frequentemente restrita ao âmbito do sexo (como o ato sexual ou preferências sexuais) e ao desenvolvimento do corpo, mas tem ganhado espaço no entendimento da construção da personalidade e do bem-estar individual (BARTASEVICIUS, 2019)

Acerca do reconhecimento da potencialidade da escola enquanto grupo de referência e espaço de significativa importância no processo de construção do ser humano (VIEIRA, 2017).

Para Almeida (2008), a falta de conhecimento e o uso inadequado dos preservativos, permeados por valores culturais e relações de gênero, que ainda sofrem influência de educação sexual inadequada nas escolas, aconselhamento sexual baseado em preconceitos e tabus, falta de diálogo sobre sexualidade na família, ausência de esclarecimentos sobre as formas de transmissão das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), e serviços de saúde sexual sem ações específicas ou ações pouco abrangentes.

Já para Saito (2000), no Brasil, são poucos os estudos relacionados ao exercício da sexualidade e à abordagem da educação sexual, na família o diálogo é ainda pobre ou inexistente; na escola, o debate é tímido e ocorre voltado mais para os aspectos biológicos, reforçando a ideia da sexualidade ligada à reprodução e tanto educadores como profissionais de saúde permanecem com posturas impregnadas de preconceitos e tabus.

De acordo com Zompero et al. (2018), a educação para sexualidade é fundamental na formação do estudante, tanto no aspecto pessoal como social, e a escola deve contribuir para esta formação. Para Ribeiro (2013), a dificuldade que a escola traz se fundamenta na ideia de que esse tema deve ser tratado exclusivamente pela família. De fato, mesmo sem querer, toda família realiza a educação sexual de suas crianças e adolescentes.

Faz-se importante que Educação Sexual seja pensada conjuntamente e a participação se faça - ao invés de mera passagem de informações, buscando abranger todos os pontos que são relevantes e/ou causam inseguranças e dúvidas para os alunos (CARVALHO, 2020).

Já Henrique (2016), fala que é preciso investir na educação sexual, não somente para a orientação quanto as práticas sexuais, mas para incentivar à conscientização de manter uma vida com atitudes responsáveis, preparando os jovens para uma sociedade em que os julgamentos ainda serão preconceituosos.

Viver a adolescência e aprender a lidar com a força da sexualidade numa sociedade que passa por grandes transformações como a nossa, é particularmente desafiador (SANTOS, DUBEUX; SILVA 2003).

Além de todos os motivos já apresentados sobre a importância de se trabalhar a sexualidade e educação sexual dentro da família, escola e sociedade em geral, como a prevenção da gravidez não planejada e IST's mais também focar da capacidade de desenvolver atitudes éticas e respeitosas quanto às diferenças (BARBOSA e FOLMER, 2019).

## 2.6 FORMAÇÃO DOCENTES

Os parâmetros reafirmam a importância e necessidade da formação dos professores em sexualidade, a partir de estudos de fundamentação teórica, sistemáticos e contínuos, com espaços para discussões e reflexões em grupo (SOUZA, 2017).

Segundo Silva, (2004), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sugerem uma reflexão acerca da temática da sexualidade como tema transversal no currículo das escolas de ensino fundamental e médio, em virtude de mudanças comportamentais em relação às práticas sexuais dos adolescentes e jovens.

Nessa perspectiva constatamos que a sexualidade e educação sexual no ambiente escolar é necessária, para a formação da sexualidade de crianças e adolescentes, pois quando se trabalhada precoce e corretamente ela fortalece a sua capacidade de fazer escolhas seguras, saudáveis e conscientes, e sobre tudo fortalece atitudes respeitosas em relação aos relacionamentos (BARBOSA e FOLMER 2019).

Azevedo (2020), afirma que nos estudos e pesquisas sobre “diversidade e educação” avançaram consideravelmente nas últimas décadas, em se tratando do tema diversidade e educação, não se pode deixar de discorrer sobre questões de sexualidade e sua relação com o processo educativo.

O cotidiano das escolas, a sexualidade como um saber ainda é algo distante da realidade, apesar de ser um tema curricular transversal da educação básica, encontra-se centrada nas disciplinas de biologia e ciências (ZANATTA, et al, 2016).

Parte dos professores se mostram desconfortáveis com o mesmo, somando-se a isto tem-se a necessidade de pertencimento/aceitação aos grupos próprios desta fase, bem como a exposição cotidiana, as informações explícitas ou não, sobre

educação sexual/sexualidade/sexo recebidas tanto no ambiente familiar, mídia ou rede de interações, podendo fazer com que estes jovens deem significado e interpretem de formas diversas estas informações, de forma correta ou não, o que pode influenciar sua educação sexual (BORDIGNON; MAISTRO, 2014).

Já para Moisés (2010), o professor não precisa ser um especialista em Educação Sexual, mas apenas um profissional devidamente informado sobre a sexualidade humana que reflita sobre ela, sendo capaz de criar contextos pedagógicos adequados e selecionar estratégia de informação, de reflexão e de debate de ideias, reciclar-se e atualizar seus conhecimentos de forma a ensinar a pensar, tornando-se mediador do conhecimento.

Figueiró (2006) afirma que ao passar dos anos, os professores vêm reconhecendo a Educação Sexual como necessária e de suma importância no processo formativo do aluno

Já para Moreira (2020), Algumas das dificuldades apontadas consistem em: insegurança por parte dos professores para promover discussões sobre o tema; falta de formação sobre o assunto; falta de material didático-pedagógico; impasses na discussão da sexualidade como um tema transversal.

Reconhece-se que os investimentos na formação continuada dos/as educadores/as têm sido um aspecto ainda fragilizado e que pode influenciar sobremaneira o preparo técnico e emocional dos/as professores/as na efetivação e no aprofundamento da educação sexual no âmbito escolar, (QUIRINO, P. 205-224, 2012.)

Outro desafio formativo do professor de Ciências e de Biologia em Educação Sexual, está relacionado ao fato de que, para que ela seja efetiva, é preciso tratar não apenas informações sobre sexualidade, mas trabalhar a reflexão, as questões atitudinais e de respeito ao outro (TAVARES, 2019).

Para Barcelos et al. (1996), o educador sexual deve ser uma pessoa que tenha consciência e segurança para lidar com as angústias, as confusões, os medos e conflitos sexuais gerados por múltiplas pressões familiares e sociais. Deve ser flexível, sensível inspirar confiança e ser ágil para abrir espaço no qual o adolescente, ou a criança converse sobre várias coisas.

Segundo Figueiró (2010), a educação sexual, é sumamente importante e é necessário nos voltarmos primeiramente para nós mesmos, por meio da autorreflexão,

porque a sexualidade faz parte do que somos, impregna toda nossa vivência e está na base dos nossos relacionamentos, pensamentos e sentimentos

Assim Moreira; Folmer (2015), enfatizam que a Educação Sexual é necessária na escola, porém, reconhecem que trabalhar com a educação sexual não tem sido tarefa fácil para os educadores. As dificuldades perpassam desde a falta de preparo pelos profissionais da educação, assim como o tema ser considerado um tabu.

No entanto, incluir Educação Sexual na escola é importante, pois a sexualidade é irreversivelmente constitutiva do humano, onipresente e nem sempre onisciente, e, no entanto, ela vai permear as ações cotidianas de professores e alunos (BIANCON, 2005). Para que o programa de educação sexual alcance suas principais finalidades e propostas, é necessário que os professores aumentem sua confiança em si mesmos e conheça seu papel sexual (NOGUEIRA, et al, 2016).

Para Bartasevicius (2019), para suprir as demandas atuais na formação de professores para Educação Sexual é necessário um maior investimento dos governos, mobilizando as universidades, fazendo com que suas pesquisas sigam para além da produção de conhecimentos e materiais didáticos e participem ativamente do planejamento e execução de atividades junto aos professores do ensino básico.

A abordagem da educação sexual voltado para as crianças e adolescentes, ainda é caracterizado como um desafio no ambiente escolar, boa parte das famílias destes jovens não concordam que o tema seja abordado pelos professores (SARMENTO et al.,2018).

Segundo Figueiró (2010), a educação sexual, é sumamente importante e é necessário nos voltarmos primeiramente para nós mesmos, por meio da autorreflexão, porque a sexualidade faz parte do que somos, impregna toda nossa vivência e está na base dos nossos relacionamentos, pensamentos e sentimentos.

### **3. METODOLOGIA**

Nesta seção são apresentadas as informações referente à área de estudo da pesquisa de campo, o tipo de pesquisa, os critérios para coleta dos dados e procedimentos para sistematização e tabulação das informações e os aspectos legais e éticos envolvidos na pesquisa

#### **3.1 ÁREA DE ESTUDO**

A pesquisa foi realizada no dia 10 de Janeiro de 2020 na Escola Estadual Fagundes Varela, localizada no Distrito do Carvão, Zona Rural do Município de Mazagão, sul do Estado do Amapá, a 35 km da capital Macapá com acesso pela rodovia AP 010 e Ramal do Carvão. A escola atende os três níveis de ensino: fundamental I, fundamental II e ensino médio, é uma instituição pública estadual, cujas as políticas educacionais são regidas pela Secretaria Estadual da Educação (SEED).

#### **3.2 TIPO DE PESQUISA**

Quanto a abordagem é qualitativa do método hipotético-dedutivo, a pesquisa qualitativa pode ser definida como a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumental estatístico na análise dos dados (Vieira 1997). O objetivo Qualitativo foi no sentido de descrever como ocorre a participação do professores relacionado com a temática da ES na escola estadual Fagundes Varela.

#### **3.3 COLETA DOS DADOS**

Os métodos adotados para coleta das informações foi questionários aplicados aos professores, coordenador pedagógico e diretor da escola, com questões discursivas cinco (05) questões voltadas para informações pessoais e formação acadêmica e cinco (05) perguntas específicas sobre a abordagem da educação sexual no ambiente escolar. O questionário é um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador (LAKATOS, 2010). Os sujeitos da pesquisa foram professores que residem na comunidade do Carvão Mazagão e macapá, quanto ao gênero foi oito (08) do sexo feminino e três (03) do sexo masculino, totalizando um quantitativo de treze (13) profissionais.

### 3.4 ANÁLISE, SISTEMATIZAÇÃO E INSTRUMENTOS TÉCNICOS

Os dados foram sistematizados em planilhas Microsoft Excel 2010 e digitalização no word, foram organizados em quadros para facilitar a compreensão das informações, referente ao contexto, para obter resultados importantes ao desenvolvimento da pesquisa e assim entender o seu propósito. Os materiais utilizados foi canetas para anotações, caderno e notebook.

### 3.5 ASPECTOS LEGAIS E ÉTICOS

Antes de da entregas dos questionários, explicado a todos os sujeitos envolvidos sobre o intencionalidade da pesquisa, assim como sua importância para a comunidade escolar. Ficou claro para os participantes que eles eram livres para recusar a ou responderem as respostas no questionário, com o devido sigilo das informações pessoais, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, informados da intencionalidade da pesquisa.

**Figura 1 - Percurso metodológico empregado na pesquisa**



#### 4. ANÁLISE, DISCUSSÃO E RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO: EDUCAÇÃO SEXUAL, ESCOLA E FAMÍLIA

A partir da análise temática dos conteúdos apresentados, foi possível avaliar as respostas e evidenciar o problema da pesquisa, e avançar as discussões na importância da educação sexual na Escola. Os questionários tiveram como objetivo coletar informações referentes as questões pessoais e também profissionais dos docentes, tais como: tempo de exercício na profissão; formação educacional; gênero; tempo de docência na instituição; segmento que atua; dentre outros.

A identidade dos docentes foi mantida em sigilo e para identifica-los nos quadros apresentados, os participantes receberam a denominação por letra de “A a L”, que corresponde a cada “Professor” que participou da pesquisa. Os dados foram organizados em quadros para facilitar a compreensão das informações, referente ao contexto, para obter resultados importantes ao desenvolvimento da pesquisa e assim entender o seu propósito.

##### 4.1 O OLHAR SOBRE O CORPO PEDAGÓGICO E ADMINISTRATIVO ACERCA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

**Quadro 01: Questões referentes aos dados pessoais dos participantes da coordenação pedagógica.**

ITENS / RESPOSTAS					
Coordenação da Escola	Gênero	Grau e área de formação	Tempo de atuação na profissão	Tempo de atuação como docente na instituição	Segmento que atua
Diretor	Masculino	Educação Física	8 anos	8 meses	Diretor
Coordenador Pedagógico	Feminino	Pós graduação Gestão e Supervisão Escolar	7 anos	7 anos	Pedagoga

Fonte: CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).

Como é possível observar no quadro acima em relação a coordenação da escola participaram: o diretor que é do sexo masculino, sua formação é Educação Física tem 8 anos atuando na profissão e 8 meses à frente da escola. Relacionado a coordenação pedagógica o participante é do sexo feminino sua formação e Pós Graduação Gestão e Supervisão Escolar, atua 7 anos como pedagoga e esses 7 anos foram na Escola Estadual Fagundes Varela.

**Quadro 02:** Perguntas e respostas da coordenação pedagógica

<b>QUESTÃO 06: A Orientação Sexual, atualmente, é objeto de estudo disciplinar curricular. A escola aborda este assunto a partir de qual grau escolar?</b>	
Diretor	4º ano do ensino fundamental I
Coordenador	Respondeu que é a partir do 6º ano ensino fundamental II

Fonte: CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).

Observa-se que houve discordância entre as respostas, o diretor respondeu que é abordado a partir do 4º ano do ensino fundamental I e o coordenador afirma que é a partir do 6º ano. Os temas transversais especificamente, a educação sexual devem ser trabalhada no ambiente escolar desde as séries iniciais, assim corabora Ribeiro (2007), a educação sexual deve começar quando a criança entra na escola, se desenvolvendo durante todo o período escolar.

Na Educação Infantil ao Ensino Fundamental (até o quinto ano), a escola não deve estruturar horários específicos, como comumente ocorrem com as disciplinas curriculares (RIBEIRO, 2007). Os professores devem abordar a sexualidade durante as suas aulas buscando maneiras de trabalhar o tema de forma clara e sutil, para que os alunos sintam-se confortáveis.

<b>QUESTÃO 07: Quais os projetos que a escola desenvolve, considerando a Orientação Sexual como formação global dos alunos (As)?</b>	
Diretor	Ainda não desenvolve projetos específicos sobre o tema
Coordenador	Desenvolvemos projetos anuais com esse foco, além do assunto ser abordado em sala de aula.

Fonte: CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).

A partir de uma análise feita nas respostas dos coordenadores escolares, observa-se uma discordância nas respostas, pois o diretor afirma que não desenvolveu projetos específicos sobre o tema, no entanto para o coordenador Pedagógico são trabalhados os projetos anuais neste foco, além dos assuntos abordados em sala de aula.

Para Gomes, (2020), a gestão escolar tem a função de adotar instrumentos para assegurar a inserção e execução de projetos didáticos que assegurem uma Orientação/Educação Sexual das crianças e adolescentes, direcionando políticas estratégicas em conjunto aos professores. A gestão escolar deverá trabalhar juntamente com seus profissionais a temática, haja vista, que está assegurado na Lei 60/2009 no: Art. 3º.[...] Aos professores que integrem as equipes interdisciplinares de educação para a saúde e educação sexual, é garantida, pelo Ministério da Educação, a formação necessária ao exercício dessas funções” (Incluído pela Lei n.º 60/2009) (BRASIL,2009).

É importante que as escolas desenvolvam projetos voltados à sexualidade, abordando temas como ato sexual, IST's, métodos contraceptivos, gravidez na adolescência, respeito de gêneros, abuso sexual entre outros.

#### **Quadro 04:** Perguntas e respostas dos participantes

<b>QUESTÃO 08: A inserção das famílias nos projetos que envolve Orientação Sexual é efetiva? Justifique</b>	
Diretor	Só temos orientações, mas a família precisa ser parceira da escola para que nossas crianças, jovens e adolescentes tenham informações importantíssima sobre sua vida e orientação sexual.
Coordenador	Na maioria não há participação, ainda é pequena se restringindo somente aos alunos, a abordagem com os pais é feita com encontros específicos

Fonte: CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).

Relacionado a pergunta 8 sobre a participação das famílias nos projetos que envolve a sexualidade, o diretor destacou a importância da participação das famílias na educação sexual e que elas precisam ser parceiras da escola nesse processo. O coordenador da escola afirma que a participação da família é pequena, ainda é a

escola se restringe somente aos alunos e a abordagem dos assuntos com os pais e desenvolvida em encontros específicos.

Segundo Gonçalves; Faleiros e Malafaia (2013), a família e a escola são responsáveis pela formação do indivíduo e devem ofertar as crianças e adolescentes a educação sexual para assegurar que o mesmo tenham uma sexualidade gratificante, socialmente livre e responsável.

A participação da escola e família é importante no processo formativo das crianças e adolescentes, no entanto as primeiras orientações devem partir da família, principalmente quando se trata de um tema que pode causar constrangimentos e tabus.

**Quadro 05:** Perguntas e respostas dos participantes.

<b>QUESTÃO 09: Quais os desafios enfrentados para trabalhar a Orientação Sexual com o público escolar?</b>	
Diretor	Observa-se que esse tema é pouco relatado nas famílias, por isso quando é falado na escola causa reação diversas em algumas crianças.
Coordenador	Primeiramente a família, por vezes não compreende a abordagem e em alguns casos proíbem os alunos de participarem de encontros / projetos.

Fonte: CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).

Sobre os desafios enfrentados para se trabalhar a educação sexual nas escolas, o diretor afirma que o tema é pouco trabalhando entre as famílias e por isso quando é abordado na escola causa reações diversas entre os alunos e o coordenador colabora com a resposta do diretor acrescentando que muitas das vezes a família até proíbe que se trabalhe o tema com seus filhos.

A abordagem da temática sexualidade para crianças e adolescentes constitui ainda um desafio para a escola, boa parte das famílias destes jovens não concordam que este seja um assunto a ser trabalhado no ambiente escolar (SAMERMENTO, et al., 2018). Com isso Silva (2009) afirma que a Educação Sexual, considerada por muitos professores como um desafio, exige, além do conhecimento, um comprometimento que contemple aspectos mais amplos e sedimentados através da reflexão, e não apenas informações sobre aspectos biológicos.

Quando se fala de educação sexual no ambiente escolar podemos encontrar alguns desafios, devido alguns pais acharem que a escola, ao abordar a temática está incentivando o aluno a iniciar a vida sexual.

**Quadro 06:** Perguntas e respostas dos participantes.

<b>QUESTÃO 10: Os professores são contemplados com cursos de formação contínua com foco à Orientação Sexual? Justifique</b>	
Diretor	Nossos professores não são contemplados com cursos específicos para orientação sexuais, em algumas formações o assunto é comentado de forma parcial, tornando somente informações sem a devida importância.
Coordenador	Pela Secretaria Estadual de Educação - SEED não. Os curso que porventura alguns tem é conseguido de forma particular.

Fonte: **CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).**

Os coordenadores afirmam que os professores não são contemplados com cursos de formação continuada, pois a Secretaria Estadual de Educação (SEED) que deveria especializa-los não ofertam cursos, porém os que têm cursos voltados para a educação sexual foram realizados de forma particular.

Segundo Nogueira et al, (2020), os profissionais da educação cada vez mais alegam o despreparo acadêmico, pois a educação continuada é insuficiente para a abordagem de diversos temas e um dos principais é a sexualidade e a educação sexual. Assim a formação continuada é um processo de construção e conhecimento na vida profissional do docente, torna-se uma base sólida para o ensino e aprendizagem. De acordo com Alvarado (2010), a formação como processo de aprendizagem requer compreender as múltiplas relações dos diversos conhecimentos nas dimensões ideológicas, políticas, sociais, epistemológicas, filosóficas e/ou da área específica do conhecimento que se quer aprender. Percebe-se que o tempo de formação é importante no currículo do professor, porém a experiência tem que está aliada com o exercício na profissão.

Nesse contexto, foi possível observar a carência dos profissionais da instituição relacionado a sexualidade, pois alguns professores não têm nenhuma formação relacionada a educação sexual e isso se torna-se um desafio, quando se tem quer abordar o tema em sala de aula.

## 4.2 OS DOCENTES E SUAS AÇÕES FRENTE O ENSINO ENVOLVENDO A EDUCAÇÃO SEXUAL

**QUADRO 07:** Questões referentes a dados pessoais dos participantes.

<b>ITENS / RESPOSTAS</b>					
<b>Professores</b>	<b>Tempo de atuação na profissão</b>	<b>Grau e área de formação</b>	<b>Gênero</b>	<b>Tempo de atuação Como docente na instituição</b>	<b>Segmento que atua</b>
Professor A	15 anos	Geografia	Feminino	1 anos	Fundamental II e Médio
Professor B	5 anos	Ling. Portuguesa e Espanhol	Feminino	4 anos	Fundamental e Médio
Professor C	6 anos	Pós Graduada Matemática	Feminino	6 anos	Fundamental e Médio
Professor D	28 anos	História	Masculino	28 anos	Fundamental II e Médio
Professor E	18 anos	Filosofia	Masculino	5 anos	Fundamental e Médio
Professor F	22 anos	Artes Visuais	Feminino	20 anos	Fundamental e Médio
Professor G	36 anos	Pedagogia	Masculino	18 anos	Fundamental II e Médio
Professor H	12 anos	Letras e Educação Especial	Feminino	2 anos	Educação Especial

Professor I	2 anos e 10 meses	Pós graduado em Biologia	Feminino	1 anos	Fundamental II e Médio
Professor J	15 anos	Física	Feminino	4 anos	Ensino Médio
Professor L	18 anos	Pedagogia e Educação Especial	Feminino	2 anos	Educação Especial

Fonte: CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).

Em relação aos participantes da pesquisa foram 11 professores no total, sendo oito (8) do sexo feminino e três (3) do sexo masculino. Quando questionados ao tempo de atuação na área da educação, as respostas variam de 2 a 36 anos sendo que os mesmos tem formação e atuação nos seguintes componentes curricular: um ano de atuação como professor de geografia, quatro anos o professor de língua portuguesa, seis anos o professor de matemática, vintes oito anos o professor de Historia, cinco anos o professor de filosofia, vinte anos o professor de Artes, quatro dezoito anos o professor de pedagogia, dois anos o professor de letras, um anos o professor de biologia e quatro anos o professor de física. Voltado para o tempo de atuação na instituição as respostas variam de 1 a 28 anos.

Quanto o grau de formação foi possível observar que todos os participantes possuem formação em ensino superior, sendo que Cinco deles possuem pós-graduação/especialização, duas em Educação Especial, uma em Gestão e Supervisão Escolar, uma em Matemática e uma em Biologia. Segundo a LDB Art. 64. A formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional (BRASIL, 2005).

Todos os profissionais que exercem a função de professor na escola, trabalham com crianças e adolescentes que estudam na modalidade do Ensino

Fundamental II e Ensino médio. Com exceção dos **professores H e L** que são da educação especial, atuando nos três seguimentos de ensino.

**Quadro 8:** Perguntas e respostas dos participantes.

<b>QUESTÃO 6: “A Orientação Sexual faz parte do currículo escolar”?</b>	
Professor A	Sim
Professor B	Sim
Professor C	Não
Professor D	Não
Professor E	Sim
Professor F	Não
Professor G	Só interdisciplinar
Professor H	Sim
Professor I	Sim
Professor J	Sim
Professor L	Não

Fonte: **CORREIA E CONCEIÇÃO (2019)**.

Em relação as respostas dos entrevistados é possível observar uma discordâncias, pois seis professores responderam sim, quando questionados se a educação sexual faz parte do currículo escolar e quatro professores responderam que não, com exceção do **professor G** que respondeu só interdisciplinar.

Apesar, de está assegurado na **Lei n.º 60/2009**, que estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar conforme descrito no Artigo 1.º a presente lei aplica-se a todos os estabelecimentos da rede pública, bem como aos estabelecimentos da rede privada e cooperativa com contrato de associação, de todo o território nacional. Com relação a resposta do **professor G** sobre a interdisciplinaridade o artigo 8º ressalta a importância de trabalhar o tema no ambiente escolar. “Cada agrupamento de escola e escola não agrupada deverá ter uma equipe interdisciplinar de educação para a saúde e educação sexual, com uma dimensão adequada ao número de turmas existentes, coordenada pelo professor-coordenador.

Como sabemos é obrigação da escola ofertar educação sexual para todos os alunos e isso já foi assegurado por documentos oficiais, mas o que vimos é que muitos

professores tem receio de trabalhar o tema em suas aulas e que deve ser abordado em todas as disciplinas.

**Quadro 09:** Perguntas e respostas dos participantes.

<b>QUESTÃO 7: “Quais as estratégias pedagógicas que você se apropria para trabalhar Orientação Sexual com seus alunos e, a partir de que segmento”?</b>	
Professor A	Faz a discussão sobre índice de natalidade e diminuição de fertilidade com alguns métodos contraceptivo.
Professor B	Se discutir com uso de panfleto adquirido na secretaria de saúde.
Professor C	Trabalha na 2ª série através de apresentação com trabalho de pesquisa
Professor D	Na conversa individual orientando.
Professor E	A partir de seminário e trabalho de apresentação.
Professor F	Discutir de maneira superficial com 7º ano.
Professor G	Ministra palestra no 7º ano vídeo e visita.
Professor H	Através de projetos e temas transversais
Professor I	Há rodas de conversa com auxílio de livros e confecções de cartazes específico no 7ºe 8ºano.
Professor J	Não trabalha nada voltado ao tema.
Professor L	Não há planejamento específico só conversa informal.

Fonte: CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).

Inicialmente cada professor respondeu suas estratégias pedagógicas para abordar o tema com seus alunos, observou-se que eles utilizam metodologias diferentes para inserir a educação sexual no ambiente escolar, o autor afirma a ideia e a habilidade do docente ao abordar o tema. Estudos têm mostrado que não há necessidade que o professor seja um especialista em educação sexual, mas um profissional que mobilize o ambiente escolar e com capacidade de articular conteúdos e criar contextos pedagógicos adequados para reflexões e debates de ideias. (RUFINO, et al 2013).

Prosseguindo com a resposta dos participantes o **Professor A**, fala que é importante discutir o uso de panfleto adquirido na secretaria de saúde com os educandos, para o **Professor B**, diz que sua estratégia será fazer a discussão sobre índice de natalidade e diminuição de fertilidade com alguns métodos contraceptivo, na sua opinião isso seria subsidio para dialogar com seu alunos, o **Professor C**, já Trabalha na 2ª série através de apresentação com trabalho de pesquisa, pois este método pode instigar o alunos a saber mais sobre o assunto, os **Professor D** e **Professor E**, ressalta a importância da conversa individual orientando e a apresentação trabalho e seminários. Quantos aos **Professor F**, realiza suas aulas através de discussão de maneira superficial com a turma do 7º ano do ensino fundamental e o **Professor G** já utiliza, ministra palestra no 7º ano com uso de vídeo e visita, visando ampliar o conhecimento da turma sobre educação sexual. **Professor H** – aborda o tema através de projetos e temas transversais, no entanto o **Professor I**, faz isso através de rodas de conversa com auxílio de livros e confecções de cartazes, especifico no 7º e 8º ano.

Conforme Figueiró (2006), Vários livros de Educação Sexual escritos para adolescentes podem ser usados como recursos complementares, sem, no entanto, dispensar o diálogo entre educador/educando e, principalmente, os debates. Desta forma, entende-se os recursos pedagógicos precisam estar disponível no ambiente escolar, afim de evitar um retrocesso no ensino aprendizagem da educação sexual. NOGUEIRA diz.

Portanto, os materiais de apoio são importantes instrumentos e sua utilização contribui no processo de ensino e aprendizagem, mas é necessário que o professor estabeleça um propósito, procure aproveitar as possibilidades didáticas e esteja vigilante às demarcações que o material apresenta. Na medida em que o material didático atenda a aprendizagem na qual o aluno possa questionar/refletir, debater/dialogar, levantar hipóteses, experimentar, investigar, buscar respostas e não apenas absorver informações prontas e acabadas. NOGUEIRA et al, 2016)

Analisando as respostas dos **Professores J** e **L**, os mesmo afirmam que não possui nenhuma estratégia pedagógica voltado a educação sexual no ambiente escolar, cabe ressaltar que os professores não fazem planejamento específico para a conversa informal entre alunos. Somente os **Professores C, F, G** e **I** informaram existir aulas voltadas ao contexto da educação sexual a partir de que série /ano são trabalhados (7º, 8º e 2ª). De acordo com o disposto na lei Artigo 5.º, a carga horária dedicada à educação sexual deve ser adaptada a cada nível de ensino e a cada turma,

não devendo ser inferior a seis horas para o 1.º e 2.º ciclos do ensino básico, nem inferior a doze horas para o 3.º ciclo do ensino básico e secundário, distribuídas de forma equilibrada pelos diversos períodos do ano letivo. (BRASIL, P.5097).

É importante ressaltar que a orientação sexual é crucial para uma educação democrática e inclusiva, onde a maioria dos profissionais tem dificuldade de desenvolver o assunto nos ambientes escolar, é necessário incluir a temática em todos os segmentos da Educação Básica.

**Quadro 10:** Perguntas e respostas dos participantes.

<b>QUESTÃO 8: “Quais os desafios a superar frente o trabalho Orientação Sexual escolar”?</b>	
Professor A	Declara que há uma desinformação geral que exige do profissional muita cautela e seriedade.
Professor B	Fazer com que os alunos compreendam a orientação sexual e deve ser trabalhado e estudado com seriedade, e quando se trata de sexo os alunos leva na zombaria.
Professor C	Diz que a maior barreira são os familiares.
Professor D	Há princípio da legalidade mais sem respaldo.
Professor E	Diz que a situação causa preocupação em falar sobre sexualidade em sociedade tradicional.
Professor F	Respondeu que falta ferramenta áudio visual.
Professor G	Falta a compreensão por parte dos pais, pois nem todos acompanham a vida sexual dos seus filhos.
Professor H	O desafio está na família.
Professor I	Relata que falta compreensão e participação dos pais, e a dificuldade do alunos para se expressar.
Professor J	Defini que o tema deve ser trabalhado de forma transversal.
Professor L	Deve haver interação com a família frente a esse contexto.

Fonte: CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).

Cada professor expressou os desafios e dificuldades em se trabalhar Orientação Sexual na escola, o **Professor A** declara que há uma desinformação geral que exige do profissional muita cautela e seriedade, o **Professor B** tenta fazer com os alunos compreendam a orientação sexual, ela deve ser trabalhada e estudada com

seriedade, mas quando se trata de sexo, os alunos levam na zombaria e não dão importância ao assunto. Com relação ao **Professor D** - Há princípio da legalidade, mas sem respaldo, e isso lhe causa insegurança. De acordo com art. 6º da **Lei n.º 60/2009**, diz: A educação sexual é objeto de inclusão obrigatória nos projetos educativos dos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas, nos moldes definidos pelo respectivo conselho geral, ouvidas as associações de estudantes, as associações de pais e os professores. (Incluído pela Lei n.º 60/2009). (BRASIL,2009).

Em 1996, foi aprovada a terceira e mais recente Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que deu origem aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) publicados em 1998, cujo objetivo da orientação sexual é contribuir para que os alunos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer, saúde e responsabilidade. A escola através de seu projeto Político Pedagógico deve fazer articulação dos projetos da educação sexual ser posto em prática, com capacidade de atender todas as demandas da escola. O **Professor F** respondeu sobre a falta de ferramenta áudio visual, porém este recurso pode auxiliar no conteúdo das aulas, assim corrobora o autor Silva

Se pensarmos na Educação Sexual enquanto necessidade a ser efetivada e a escola enquanto um espaço de produção de cultura, acredito que seja então necessário refletirmos, que nela se almeja uma proposta eficaz em que haja objetivos, conteúdos pertinentes e metodologias adequadas, como a utilização de imagens e/ou vídeos por exemplo, que são recursos pedagógicos que proporcionam reflexões e que, ao mesmo tempo possibilitem debates sobre a temática da sexualidade. (SILVA,2020, p. 354-370).

**Professor J**, defini que o tema deve ser trabalhado de forma transversal, entende-se que a Gestão Escolar, deve ter uma visão holística para assunto, definido planejamento estratégico, consistente para a educação sexual, com inclusão da comunidade externa, garantindo voz ativa aos participante.

Com relação as respostas dos professores **C, G, H e I**, relataram que a maior barreira são as família para discutir o tema com clareza, pela falta de compreensão, participação por parte dos pais, o acompanhamento na vida sexual dos jovens e também a dificuldade do alunos de se expressar sobre o assunto. Nesse sentido Vitelo (1995), afirma que a educação sexual sistemática só pode ser feita por familiares ou por professores, pois apenas a família e a escola, como instituições sociais, conseguem preencher os pressupostos que explicitamos antes, isto é, só elas conseguem atuar de maneira contínua e duradoura.

A família é muito importante nesse processo de descobertas e mudanças do adolescente, bem como em sua educação sexual, que deve ser realizada diariamente pelos pais ou responsáveis legais, de forma simples, objetiva e a evitar constrangimentos (FREITAS, 2020). [...] algumas famílias assumem um modelo de educação sexual que consiste na omissão completa destes temas nas conversas entre pais e filhos, possivelmente porque eles próprios não se sentem à vontade para dialogar (GRILO, 2013).

Fica evidente que a discussão sobre educação sexual no sentido transparente no espaço escolar e familiar tem sido uma lacuna a ser preenchida, por pais, mestres e educadores de todo modo, é necessário que os projetos políticos pedagógicos da escola, sejam mais abrangente, e sistemáticos, capaz de acontecer na prática. Sendo que quando mencionados os desafios a ser superados, os profissionais atribuí a responsabilidade aos familiares, afirmando que não são preparados para discutir ou abordar assunto.

**Quadro 11:** Perguntas e respostas dos participantes.

<b>QUESTÃO 09: “Os docentes que atuam nesta instituição são contemplados com cursos de formação contínua voltados ao trabalho com a Orientação Sexual? justifique”.</b>	
Professor A	Não.
Professor B	Sim, em virtude da adequação do ensino a BNCC proporciona cursos para diversas áreas
Professor C	Não, nunca foi ofertado pela SEED.
Professor D	Não existe na grade curricular, não se tem respaldo legal para tal.
Professor E	Diz que a formação continuada não contempla todas as esferas, que abrangem os estudantes
Professor F	Não
Professor G	Bem pouco, sempre procura-se ler, acompanhar diariamente e ouvir informação
Professor H	Através da escola não, por outra instituição sim.
Professor I	Não
Professor J	Não a SEED não fornece essa informação.

Professor L	Não
-------------	-----

Fonte: CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).

Segundo os professores entrevistados 80% afirmam que a Secretaria Estadual de Educação (SEED), não oferece cursos de formação continuada, e não tem na grade curricular cursos para capacitá-los, e apenas 20% afirmam que sim, em virtude da adequação do ensino a BNCC proporciona cursos para diversas áreas, porém nem todos são contemplados. Assim, acreditamos que a formação inicial é, somente, o primeiro caminho. E que, aos poucos, os/as professores/as que trabalham, principalmente com educação sexual, devem aprimorar os seus conhecimentos e suas práticas (OLIVEIRA, 2012). Conforme pontua Maia (2019), a temática educação sexual ainda é considerada um tabu, sobretudo quando se é colocado como proposta para ser abordada no ensino de maneira interdisciplinar. São muitos os entraves que dificultam o seu desenvolvimento, seja pela falta de recursos didáticos, formação continuada, ou até mesmo pelos princípios dos educadores.

**Quadro 12:** Perguntas e respostas dos participantes.

<b>QUESTÃO 10: A escola registrou casos de gravidez precoce nos últimos anos? como você avalia esses casos?</b>	
Professor A	Sim, falta de diálogo familiar, o desinteresse em conversar com a família, e com os profissionais da educação e da saúde
Professor B	Estou a pouco tempo na escola e nesse tempo não houve registro de caso desta natureza.
Professor C	Sim vários, falta de orientação dos pais e liberdade que falta no diálogo com os alunos
Professor D	Diz que não há casos, ressalta-se que certos momentos a escola fecha os olhos para o problema, este é um deles.
Professor E	Na realidade a falta de orientação é um predomínio, a escola Fagundes Varela registrou índice baixo devido as medidas tomadas pela gestão atual.
Professor F	Sim os casos registrados na escola foram de alunos de outras comunidades, mas a escola não atende.

Professor G	Em alguns casos a falta de orientação da família e até o descuido da mesma.
Professor H	Sim, a escola deve fazer mais projeto sobre educação, a orientação e trabalhar com os jovens.
Professor I	Sim, por falta de orientação, familiar ou até mesmo escolar.
Professor J	Sim, bastante comum entre adolescentes.
Professor	Sim, há necessidade de orientação e esclarecimento.

Fonte: CORREIA E CONCEIÇÃO (2019).

Notificou-se as seguintes respostas em relação aos casos de gravidez precoce, nove professores responderam “Sim” que escola registrou casos de gravidez nos últimos anos. A gravidez precoce geralmente traz consequências graves, uma vez que a adolescente interrompe seu desenvolvimento global, desorganizando totalmente sua vida, acarretando problemas psicossociais desastrosos (PELLOSO et al., 2002). As jovens que engravidam precocemente tem grande dificuldades em permanecerem ou continuarem sua vida estudantil, é nesta fase ou período que perpassa por várias mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Santos 2018 reforça ainda que,

Escolar e a violência relacionada ao abuso sexual. É necessário refletir sobre algumas questões que estão fortemente associadas a problemática da gravidez precoce, destacando-se entre elas: a sexualidade precocemente, uso de métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis IST's, a AIDS, o abandono (SANTOS. 2018, p. 1077-1091).

Para Zocca (2015), o ensino de educação sexual nas escolas contribui para a vivência da sexualidade de forma saudável, refletindo na diminuição dos índices de (IST's), casos de gravidez na adolescência, abortos, violência sexual e outras questões psicológicas e sociais. A partir do contexto, é importante aborda a temática sobre a gravidez precoce com as jovens no âmbito escolar, discutir as relações entre educador e aluno e as dificuldades sob o enfoque do diálogo com o professor.

Dois professores **B** e **D** afirmaram que desconhece o registro de gravidez na instituição, dois declarou que devido o curto período de tempo na escola não soube informa, ressalta-se que certos momentos a escola fecha os olhos para os problemas, este é um deles”. Neste aspecto, se a função da escola é informar e, principalmente, formar cidadãos capazes de realizar escolhas lógicas. Nesse espaço pedagógico, a orientação sexual torna legal a discussão sobre sexualidade (SALTO; LEAL, 2000).

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa analisou informações significativas, referente a educação sexual, na Escola Estadual Fagundes Varela, desta forma foi possível analisa que os coordenadores e professores não abordam a temática no currículo da escola, notou-se que a educação sexual neste estabelecimento de ensino deve ser trabalhada e discutida por toda comunidade escolar com mais frequência.

O estudo constatou-se também que a Educação Sexual é um tema que os professores não estão preparados para abordar-las e que na maiorias das vezes, causam insegurança, e isso é atribuído pela a falta capacitação, formação continuada dos professores e falta material didático adequado para ministrarem as aulas com temas transversais, no espaço escolar.

Desta forma, deve-se ampliar as políticas públicas e integradoras para família e escola referente a temática, visando promover o ensino de qualidade com inclusão social. Por este motivo é importante trabalhar a Educação Sexual no ambiente escolar, pois contribuirá no processo formativo dos jovens e nas escolhas seguras da sua sexualidade, haja vista que a educação sexual tem sido inexistente nos projeto pedagógicos da Escola.

E necessário pensar em políticas que garantam a autonomia e voz ativa para comunidade interna e externa expressar as suas opinião sobre educação sexual a partir de olhar sistemático e planejado. Por fim, ressalta a importântancia de promover projetos de intenvenção com a finalidade fortalecer e ampliar a discussão na comunidade escolar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Carla, Hidalgo; CENTA, Maria de Lourdes. A família e a educação sexual dos filhos: implicações para a enfermagem. Curitiba-PR.2008. Disponível em<[https://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/en\\_a12v22n1.pdf](https://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/en_a12v22n1.pdf)>. Acessado em 01 de out.2020.

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos parâmetros curriculares nacionais. Revista Estudos Feministas, v. 9, n. 2, p. 575-585, 2001. Disponível < [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200014&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200014&script=sci_arttext)>. Acessado em 11.nov.2019.

ALVARADO-PRADA, Luís Eduardo; FREITAS, Thaís Campos; FREITAS, Cinara Aline. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. Revista Diálogo Educacional, v. 10, n. 30, p. 367-387, 2010.Acessado em:< <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/viewFile/2464/2368> >. Disponível em 20 de mar.2019.

AQUINO, Camila; MARTELLI, Andréia Cristina. Escola e educação sexual: uma relação necessária. Seminário de pesquisa em educação da região sul. Unoeste, 2012.

ARAÚJO GASTAL, Maria Luiza. EDUCAÇÃO SEXUAL PARA JOVENS E ADULTOS: CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DE CIÊNCIAS À LUZ DE UMA ABORDAGEM EMANCIPATÓRIA,2012.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. Sexualidade na escola: perspectiva de gestores de instituições públicas de Natal/RN. Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade, v. 7, n. 14, p. 199-232, 2020. Disponível em:<<https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/download/9230/7261>> Acessado em 12 de abr.2020

BARBOSA, Luciana Uchôa; FOLMER, Vanderlei. Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco, v. 9, n. 19, p. 221-243, 2019.Disponível em:< <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/download/515/355>>. Acessado em 16 de abr.2020

BARCELOS, Nora-Ney Santos; ZAIAD, André George; Claudine. Educação sexual. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 7, 1996.Disponível< [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/download/743/670](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/download/743/670)>. Acessado em 20 de set.2019.

BARTASEVICIUS, Daniela Maria Manna; DE CAMPOS MIRANDA, Meiri Aparecida Gurgel. Formação de Professores para a Prática de Educação Sexual nas Escolas. Sisyphus: Journal of Education, v. 7, n. 3, p. 156-178, 2019.Disponível em<

<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7171714.pdf>> Acessado em 20 de set.2020.

BIANCON, Mateus Luiz. Educação em sexualidades crítica: formação continuada de professoras (es) com fundamentos na pedagogia histórico-crítica. 2016. Disponível < <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/4532/1/000225064.pdf>> Acessado 06 de jun.2019.

BONFIM, Claudia Ramos de Souza et al. Educação Sexual e Formação de Professores de Ciências Biológicas: contradições, limites e possibilidades. 2009. Disponível < [http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251744/1/Bonfim\\_ClaudiaRamosdeSouza\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/251744/1/Bonfim_ClaudiaRamosdeSouza_D.pdf)> Acessado em 20 de set.2019.

BORDIGNON, C.A. B.; MAISTRO, V. I. A. Abordando a sexualidade com adolescentes por meio de modalidades didáticas diferenciadas. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais. Programa de Desenvolvimento Educacional. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE:Produção Didático-pedagógica, 2014.

BORGES, Magda Maria. A psicologia brasileira na regulação da sexualidade: considerações sobre sua inserção no contexto da educação sexual. Goiânia – GO, 2019. Disponível < <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/9581/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Magda%20Maria%20Borges%20-%202019.pdf>>Acessado em:07 de jan. de 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO. A CIÊNCIA EA CULTURA. Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem. 2013.

BRASIL. Lei nº 60/2009 de 06 de agosto de 2009.Estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar. Brasília, DF: Palácio do Planalto, 2009. Disponível em:<<https://dre.pt/application/conteudo/494016>< acessado em: 10 de nov.2020.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: Palácio do Planalto, 2005. Disponível em:< <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70320/65.pdf> >. Acessdo em 21 de jan.2021

BUENO, Rita Cássia Pereira; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. História Da Educação Sexual No Brasil: Apontamentos Para Reflexão. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, v. 29, n. 49, 2018. Disponível em:< [https://sbrash.emnuvens.com.br/revista\\_sbrash/article/download/41/42](https://sbrash.emnuvens.com.br/revista_sbrash/article/download/41/42)>. Acessdo em 21 de jan.2020

CABRAL, Luz Manuel. OMS recomenda curso de educação sexual nas escolas. Lusa, Portugal, 07 Mar.2014.

CARNEIRO, Rithianne Frota et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. SANARE-Revista de Políticas Públicas, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <  
<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/download/617/334>> Acessado em 12 de jan.2020

CARVALHO, Gabriela Dutra; FÁVERO, Marisalva; GOMES, Valéria; SANTOS, Vera Marques Márcia. Dicionário de Educação Sexual, Sexualidade, Gênero e Interseccionalidades. 1. ed. – Florianópolis. 2019. Disponível em: <  
<https://nusserge.paginas.ufsc.br/files/2020/05/CARVALHO-G-F%C3%81VERO-M-GOMES-V-SANTOS-V.-Dicion%C3%A1rio-de-educa%C3%A7%C3%A3o-sexual.-2019.pdf>>. Acessado 10.mar.2021.

CARVALHO, Leilane Raquel Spadotto de. Sexualidade e educação sexual de alunos (as) alvo da educação especial: concepções de professores (as). 2020. Disponível em: <  
[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193398/carvalho\\_lrs\\_me\\_bauru\\_par.pdf?sequence=3](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/193398/carvalho_lrs_me_bauru_par.pdf?sequence=3)>. Acessado em: 27.fev.2021

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". Educar em revista, n. 35, p. 37-51, 2009. Disponível em: <  
[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602009000300004&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010440602009000300004&script=sci_arttext)>. Acessado em: 20 de set.2019.

COSTA, Emilie Saraiva Alves et al. Percepção de alunos da educação básica sobre sexualidade (2003). Disponível em: <  
[http://abrapecnet.org.br/atas\\_enpec/viii/enpec/resumos/R0329-2.pdf](http://abrapecnet.org.br/atas_enpec/viii/enpec/resumos/R0329-2.pdf)>. Acessado em: 20 de set.2019.

DIAS, Cristiane Araujo de Oliveira. Escola e educação sexual: uma relação necessária e interdisciplinar nos anos iniciais do ensino fundamental. 2015. ). Disponível em: <  
[https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/22066/1/MD\\_ENSCIE\\_I\\_2014\\_26.pdf](https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/22066/1/MD_ENSCIE_I_2014_26.pdf)>. Acessado em: 20 de set.2019.

DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. Educar em Revista, n. 30, p. 77-87, 2007. Disponível em: <  
[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602007000200006&script=sci\\_arttext&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602007000200006&script=sci_arttext&lng=pt)>. Acessado em: 09 de out.2019

DUBEUX, C. R. Quando o assunto é sexo. 1998. 158f. 1998. Tese de Doutorado. Dissertação (mestrado em Antropologia) -Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ESTALAGEM, Ana Raquel Pacheco. Educação sexual na adolescência em Portugal. 2018. Tese de Doutorado. Disponível em: <  
<https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/41828/1/AnaEstalagem.pdf>>. Acessado em: Acessado 09 de jun.2019.

FIGUEIRA, Juliana Ribeiro. Impacto da violência sexual em mulheres com disfunção sexual. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2020. Disponível <

<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/17/17145/tde-23082020-142115/publico/JULIANARIBEIROFIGUEIRA.pdf>>acessado em: 20 de mar.2021

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual: Como Ensinar No Espaço Da Escola Sexual Education: How To Teach In The School Environment. Revista Linhas, v. 7, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/1323/1132>>. Acessado 06 de jun.2019.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico; DE OLIVEIRA KAWATA, Heloísa; NAKAYA, Karen Mayumi. REEDUCAÇÃO SEXUAL: percurso indispensável na formação do/a educador/a SEXUAL RE-EDUCATION: an indispensable route in educator's education. Revista Linhas, v. 11, n. 01, p. 85-111, 2010. Disponível em: <[https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/2018/pdf\\_44](https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/download/2018/pdf_44)>. Acessado em: 06 de jun.2019.

FLORA, Marília Costa et al. Intervenções de educação sexual em adolescentes: Uma revisão sistemática da literatura. Revista de Enfermagem Referência, v. 3, n. 10, p. 125-134, 2013. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3882/388239969015.pdf>>. Acessado em: 15 de jun.2019.

FREITAS, Daiany Paulino et al. A importância da enfermagem no processo de educação sexual dos adolescentes. REVISTA MULTIDISCIPLINAR EM SAÚDE ISSN: 1988-0231, v. 1, n. 2, p. 126-137, 2020.

FURLANI, Jimena. Encarar o desafio da educação sexual na escola. Paraná. Secretaria de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. Curitiba, p. 37-49, 2009. Disponível em <<http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/vanessa.bezerra/relacoes-de-genero-no-brasil/sexualidade.pdf#page=37>>. Acessado em: 10 de jan. 2020.

GESSER, M. et al. Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. Psicol esc educ [Internet]. 2012 July/Dec [cited 2015 Oct 25]; 16 (2): 229-36.

GODOY, Diego Azevedo. Educação em Sexualidade no Brasil: um tour histórico e seus importantes desdobramentos para a formação do educador e do desenvolvimento da área na educação escolar. DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação, p. 272-288, 2018.

GOMES, Aurélia Garcia. Desafios e perspectivas da educação sexual na escola. 2020. Disponível em: <[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202384/Gomes%20CAG\\_me\\_franca.sub.pdf?sequence=6](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/202384/Gomes%20CAG_me_franca.sub.pdf?sequence=6)>acessado em: 08 de jan. 2021.

GONÇALVES, Randys Caldeira; FALEIRO, José Henrique; MALAFAIA, Guilherme. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. Holos, v. 5, p. 251-263, 2013.

HENRIQUE, Natália. Sexualidade na adolescência: uma revisão crítica da literatura. v. 13, supl. 2, p. 106-113, set. 2016.

JANEIRO, José Manuel da Silva Vilelas. Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? Revista Gaúcha de Enfermagem, v. 29, n. 3, p. 382, 2008.

LAKATOS, E. M. Metodologia científica. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010. Disponível <[https://www.researchgate.net/publication/325857576\\_Metodos\\_e\\_Tecnicas\\_de\\_Pesquisa](https://www.researchgate.net/publication/325857576_Metodos_e_Tecnicas_de_Pesquisa)> acessado em 08 ag.2019.

MACEDO, Elizabeth Fernandes. Parâmetros Curriculares Nacionais: a falácia de seus temas transversais. Currículo: políticas e práticas, p. 43 citation\_lastpage= 58, 1999.

MADERGAN, A.S. et al. Anticoncepcionais na Adolescência.2001. Disponível em <<http://estudmed.com.sapo.pt/trabalhos/anticoncepcionais-adolescencia-3hm>>. Acessado em: 13 de julho de 2020.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação sexual e sexualidade no discurso de uma pessoa com deficiência visual. Revista Ibero-americana de Estudos em Educação, v. 6, n. 3, p. 90-101, 2011.

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal. Educação sexual: princípios para ação. *doxa*, 2011, 15.1: 75-84 2019.

MATOS, Margarida Gaspar de et al. Educação sexual em Portugal e em vários países da América Latina. Psicologia, saúde & doenças, v. 10, n. 1, p. 149-158, 2009.

MELO ALMEIDA, Mosiéte; PEREIRA, Kylzia Andréa Azevedo. Educação e orientação sexual e prevenção das ISTS: ênfase para os riscos do papilomavírus humano (HPV, Recife-PE, 2019.

MOIZÉS, Julieta Seixas; BUENO, Sonia Maria Villela. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

MOREIRA BLR, FOLMER V. Percepções de professores de ciências e educação física acerca da educação sexual na escola. Experiências em Ensino de Ciências, 2015; 10(3):18-30.

MOREIRA, Murilo Cesar; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi; DE AGUIAR JACINTO, Helyson Fernando. Educação Sexual nas escolas: concepções e práticas de professores. Revista Psicologia e Educação On-Line, v. 3, n. 1, p. 47-54, 2020.

NOGUEIRA, Natália Souza et al. Educação sexual no contexto escolar: as estratégias utilizadas em sala de aula pelos educadores. HOLOS, v. 3, p. 319-327, 2016. Disponível em:< <https://www.redalyc.org/pdf/4815/481554866024.pdf>> Acessado 02 de fev. 2020.

OLIVEIRA, Márcio; MAIO, Eliane Rose. Formação de professores/as para abordagem da educação sexual na escola. *Espaço Plural*, v. 13, n. 26, 2012.

PANTOJA, Florinaldo Carreteiro et al. A educação sexual no Amapá: experiências e desafios docentes. 2013. Disponível <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2922/1937>> Acessado em: 20 de mar.2019.

PELLOSO, Sandra Marisa; CARVALHO, MD de B.; VALSECCHI, E. A. S. S. O Rev. Estud. Fem. Florianópolis, v. 9, n. 2, p 575-585, 2002.

PEREIRA, Eliana Alves et al. Alguns desafios e demandas da formação inicial de professores na contemporaneidade. *Educação & Sociedade*, v. 39, n. 144, p. 721-737, 2015.

QUARTIERO, Eliana Teresinha. A diversidade sexual na escola: produção de subjetividade e políticas públicas. 2009.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira da. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. *Educar em Revista*, n. 43, p. 205-224, 2012.

REIS, Verônica Lima dos; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Educação sexual na escola com a participação da família e o uso de novas tecnologias da educação: um levantamento bibliográfico. *Cadernos de Educação*, p. 188-207, 2012.

RIBEIRO, Marcos. Educação sexual. Além da informação. São Paulo: EPU, v. 62, Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *Holos*, 2013, 5: 251-263.

RIBEIRO, Marcos; REIS, Wagner. Educação sexual. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 18, n. 2, 2007.

RIBEIRO, Marcos; REIS, Wagner. Educação sexual. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, v. 18, n. 2, 2007.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marcal; BEDIN, Regina Célia. Notas preliminares sobre historiografia da educação sexual brasileira: apontamentos de uma cronologia descritiva: 1) Atitudes e comportamentos sexuais no Brasil nos documentos da inquisição dos séculos XVI e XVII. *Doxa. Revista Paulista de Psicologia e Educação*, p. 149-168, 2013.

RODRIGUES, Livia Santos; DA SILVA, Maria Vanuzia Oliveira; GOMES, Maria Amábia Viana. Gravidez na adolescência: suas implicações na adolescência, na família e na escola. *Revista Educação e Emancipação*, v. 12, n. 2, p. 228-252, 2019. Disponível <<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/reducacaoemancipacao/article/viewFile/11489/6528>> Acessado em 20 de dez. 2020.

RODRIGUES, Isilda Teixeira; FONTES, Alice. Identificação do papel da escola na educação sexual dos jovens. *Investigações em Ensino de Ciências*, v. 7, n. 2, p. 177-188, 2016. Disponível em:<

<https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/viewFile/567/359>>. Acessado em: 25 de jul.2019.

ROMERO, Angel Manuel Perez. Educação sexual para adolescentes na equipe do Programa de Saúde da Família no município de Taquarana-Alagoas. 2010.

ROSSI, Alexandre José. Políticas para homossexuais: uma breve análise do programa Brasil sem homofobia e do tema transversal orientação sexual. Seminário Internacional Fazendo Gênero, v. 8, p. 1-7, 2008.

RUFINO, Camila Borges et al. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. 2013. Disponível em <<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/15793/5/Artigo%20-%20Camila%20Borges%20Rufino%20-%202013.pdf>>Acessado em:10.dez.2020

SAITO, Maria Ignez; LEAL, Marta Miranda. Educação sexual na escola. *Pediatria*, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000. Disponível <[https://www.academia.edu/download/39242838/Educacao\\_sexual\\_na\\_escola.pdf](https://www.academia.edu/download/39242838/Educacao_sexual_na_escola.pdf)>. Acessado em: 04.jan. 2019.

SANTOS, Mércia Virginia Ferreira dos et al. Produtividade e composição química de gramíneas tropicais na Zona da Mata de Pernambuco. *Revista Brasileira de Zootecnia*, v. 32, n. 4, p. 821-827, 2003.

SANTOS, Monica Machado dos. Sexualidade e os desafios e perspectivas do trabalho pedagógico no âmbito escolar: papel do professor como agente da transformação. *Eventos Pedagógicos*, v. 9, n. 3, p. 1077-1091, 2018.

SARMENTO, Sued Sheila et al. Estratégias Metodológicas nas Abordagens sobre IST no Ensino Fundamental. *Revista de Educação do Vale do São Francisco*, v. 8, n. 17, 2018. SFAIR, Sara Caram; BITTAR, Marisa; LOPES, Roseli Esquerdo. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. *Saúde e Sociedade*, v. 24, p. 620-632, 2015.

SILVA, Lucía; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, p. 199-206, 2006.

SILVA, Ricardo Desidério. Educação audiovisual da sexualidade: uma proposta metodológica para análise e estudo de imagens e sons. *Travessias*, v. 14, n. 1, p. 354-370. 2020. Disponível <<file:///C:/Users/labar/AppData/Local/Temp/23365-89932-1-PB-1.pdf>>A.Acessado Em 10.dez.2020.

SILVA, Regina Célia Pinheiro; NETO, Jorge Megid. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. *Ciência & Educação*, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

SILVA, Ricardo Desidério da. Educação em ciência e sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre a sexualidade no aluno. 2009.

SILVA, Ricardo Desidério. Educação audiovisual da sexualidade: uma proposta

metodológica para análise e estudo de imagens e sons. *Travessias*, v. 14, n. 1, p. 354-370, 2004.

SOUSA FILHO, Vicente Gregorio. Paradigmas norteadores da história da educação sexual no Brasil: nas pegadas do higienismo, do conservadorismo religioso e da defesa dos direitos humanos. *UNITAS-Revista Eletrônica de Teologia e Ciências das Religiões*, v. 7, n. 2, p. 159-176, 2019.

SOUSA, Paula Maria Trabuco. *CONTRIBUIÇÕES PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL*. Goiânia, GO. 2016.

SOUZA MONTEIRO, Solange Aparecida; STORTO, Letícia Jovelina. Educação infantil: uma reflexão plural da história e da sexualidade. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, p. 237-252, 2019.

SOUZA, Marcilene Mendes. *Educação em sexualidade: a web Educação Sexual em ação*. ARARAQUARA – S.P. 2017.

TAVARES, Bruno. *Formação de professores de Ciências e de Biologia em Educação Sexual: revisitando limites e possibilidades*. Rio Grande do Norte, RN. jul.2019.

TOURINHO, Aragão, Herifrânia et al. *EDUCAÇÃO SEXUAL E SEXUALIDADE DE ADOLESCENTES: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM TEMPOS DE ZIKA VÍRUS*. *Revista Thêma et Scientia*, v. 10, n. 1, p. 61-78, 2020.

VIEIRA, Priscila Mugnai; MATSUKURA, Thelma Simões. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Revista Brasileira de Educação*, v. 22, n. 69, p. 453-474, 2015.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Poder, objetivos e instituições como determinantes da definição de qualidade em organizações brasileiras e escocesas. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 1, n. 1, p. 7-33, 1997.

VITIELLO, Nelson. A educação sexual necessária. *Revista brasileira de sexualidade humana*, v. 6, n. 1, 1995.

ZANATTA, Luiz Fabiano et al. A educação em sexualidade na escola itinerante do MST: percepções dos (as) educandos (as). *Educação e pesquisa*, v. 42, n. 2, p. 443-458, 2016.

ZOCCA, A. R. *A educação sexual e suas entrelinhas nas concepções dos gestores*. (2015).

ZOMPERO AF, et al. A temática sexualidade nas propostas Curriculares no Brasil. *Revista Ciências & Ideias*, 2018; 9(1):101-114.



## APÊNDICES

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP**  
**CAMPUS MAZAGÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**  
***Questionário da Pesquisa de Campo***

Prezados Coordenadores (as)!

Este questionário é o instrumento da pesquisa de campo do nosso Trabalho de Conclusão de Curso- TCC. Para a realização da pesquisa, pedimos a vossa participação e compreensão frente nossa coleta de dados, ressaltando, a mais sigilosa identificação de vossa senhoria no processo. Assim sendo, agradecemos sua participação e, o nosso muito obrigado.

1 Tempo de atuação enquanto coordenador (a) pedagógica (o(a)) \_\_\_\_\_

2 Grau e área de formação \_\_\_\_\_

3 Gênero ( ) Masculino ( ) Feminino

4 Tempo atuando como docente nesta  
instituição \_\_\_\_\_

5 Segmento que atua \_\_\_\_\_

6 A Orientação Sexual, atualmente, é objeto de estudo disciplinar curricular. A escola aborda este assunto a partir de qual grau escolar?

7 Quais os projetos que a escola desenvolve, considerando a Orientação Sexual como formação global dos alunos(as)? \_\_\_\_\_

8 A inserção das famílias nos projetos que envolve Orientação Sexual é efetiva?  
Justifique \_\_\_\_\_

9 Quais os desafios enfrentados para trabalhar a Orientação Sexual com o público escolar?

10 Os professores são contemplados com cursos de formação contínua com foco à Orientação Sexual? Justifique \_\_\_\_\_

Mazagão, 10 de janeiro de 2020.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP**  
**CAMPUS MAZAGÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**  
***Questionário da Pesquisa de Campo***

Prezados Professores (as)!

Este questionário é o instrumento da pesquisa de campo do nosso Trabalho de Conclusão de Curso- TCC. Para a realização da pesquisa, pedimos a vossa participação e compreensão frente nossa coleta de dados, ressaltando, a mais sigilosa identificação de vossa senhoria no processo. Assim sendo, agradecemos sua participação e, o nosso muito obrigado.

1 Tempo de atuação no exercício da profissão \_\_\_\_\_

2 Grau e área de formação

\_\_\_\_\_

3 Gênero ( ) Masculino ( ) Feminino

4 Tempo atuando como docente nesta instituição \_\_\_\_\_

5 Segmento que atua \_\_\_\_\_

6 A Orientação Sexual faz parte do currículo escolar?

\_\_\_\_\_

7 Quais as estratégias pedagógicas que você se apropria para trabalhar Orientação Sexual com seus alunos e, a partir de que segmento?

\_\_\_\_\_

8 Quais os desafios a superar frente o trabalho Orientação Sexual Escolar?

\_\_\_\_\_

9 Os docentes que atuam nesta instituição são contemplados com cursos de formação contínua voltados ao trabalho com a Orientação Sexual?

Justifique \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

10 A escola registrou casos de gravidez precoce nos últimos anos? Como você avalia esses casos?

\_\_\_\_\_

Mazagão, 10 janeiro de 2020.

**ANEXO**

**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO AMAPÁ PRÓ-  
REITORIA DE  
GRADUAÇÃO  
CAMPUS MAZAGÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS AGRÁRIAS E  
BIOLOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

**PESQUISA SOBRE: ORIENTAÇÃO SEXUAL E O PAPEL DA ESCOLA FRENTE  
A GRÁVIDEZ PRECOCE: UMA INFÂNCIA PERDIDA?**

**TÉCNICA OU INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: Questionário**

Prezado(a) colaborador(a):

Sou acadêmico(as) da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP e estou realizando uma pesquisa científica sobre Orientação Sexual e o Papel da Escola frente a Gravidez precoce: Uma Infância Perdida, objetivando Pesquisar a importância do papel da escola frente a Orientação sexual e sua relação com a gravidez precoce.

Para a realização desta pesquisa, necessito obter algumas informações a serem coletadas por meio de aplicação com a abordagem quali-qualitativa através de questionário contendo dez **(10)** perguntas discursivas e, como você e sua Instituição de Ensino atende ao perfil e aos critérios de inclusão para esta investigação, seria extremamente importante contar com a sua colaboração, fornecendo estas informações. Para tanto, deixo claro que as informações fornecidas serão recebidas e tratadas garantindo-se total sigilo e confidencialidade do fornecedor das respostas. Acrescento que o tempo estimado para a o fornecimento das informações é de aproximadamente uma **(1)** hora de tempo e que, a sua participação é voluntária, podendo se recusar a fornecer as informações ou parar a qualquer momento.

Antecipo meus agradecimentos pela atenção e participação, ao tempo que colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos por meio do(s) telefone(s) **96 99208-8080** ou do(s) e-mail(s) **lbcborges.24@gmail.com**.

Atenciosamente,

---

Assinatura do acadêmico (a)

---

Assinatura do(a) responsável pela Instituição



## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Após ter todas as informações e esclarecimentos necessários sobre a pesquisa e sua finalidade, eu \_\_\_\_\_, concordo em participar espontaneamente fornecendo as informações solicitadas.

Mazagão-AP, \_\_\_\_ de \_\_\_\_ 20\_\_\_\_.

---

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa